

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – MODALIDADE À DISTÂNCIA**

LEILA MARIA LINCK WASUM

AUTONOMIA E ESCOLA PÚBLICA

**Porto Alegre
2010**

LEILA MARIA LINCK WASUM

AUTONOMIA E ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia – Modalidade a Distância pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Dóris Maria Luzzardi Fiss

Tutora: Luciane Machado

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho à minha família que me deu a força necessária para superar as adversidades e a serenidade constante da paciência e incentivo que me conduziram até o final dessa jornada.

Meus mais sinceros agradecimentos...

... a Deus que me permitiu ter saúde e serenidade necessárias para concluir mais esta etapa da minha vida.

... aos meus pais que me ensinaram a ser a pessoa que sou e me deram força para chegar até aqui.

...ao meu marido e companheiro Oscar, que muito me incentivou e ajudou nas dúvidas tecnológicas.

...aos meus filhos e seus companheiros que sempre incentivaram minha jornada.

...às minhas companheiras de trabalho que, incansavelmente, me apoiaram nas minhas práticas pedagógicas.

... à Professora Dóris Fiss que, com tanto carinho e atenção, me mostrou os caminhos para realizar este trabalho.

“Se a Educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como foco principal o desenvolvimento da autonomia dos alunos na escola pública, buscando produzir uma reflexão teorizada sobre este tema. Para isto, em um primeiro momento, buscaram-se referenciais teóricos nos estudos de Jean Piaget e Paulo Freire a respeito do que vem a ser a construção da autonomia na criança e os saberes necessários aos educadores quando se pretende incentivá-la na escola. Para fazer uma relação entre a teoria e a prática, foram relatados dois tipos de atividades desenvolvidos numa turma de 4ª série do Ensino Fundamental de 8 anos, numa escola pública da rede estadual da cidade de São Leopoldo: um Projeto de Aprendizagem e a Assembléia de Alunos. Estas atividades visam a desenvolver o espírito investigativo através da pesquisa, o senso crítico, a responsabilidade na tomada de decisões e a autonomia por meio da interação dos alunos com diversas situações de sala de aula. Para ilustrar melhor estas situações, foram relatadas as opiniões dos alunos e de outros profissionais da escola envolvidos no processo. Portanto, a metodologia envolveu revisão bibliográfica, observação participante em sala de aula, entrevistas semi-estruturadas feitas a alguns colegas da escola e análise de produções dos alunos. As análises produzidas permitiram perceber que os Projetos de Aprendizagem provocaram certo gosto pela pesquisa em alguns alunos, o questionamento, a dúvida e a busca de soluções e respostas, levando-os à cooperação, ao respeito às opiniões diversas e à construção de novos saberes, que partiram dos conhecimentos que eles já tinham. Através da Assembléia de Alunos, os alunos realizaram uma reflexão consciente dos seus atos, do que foi bom e do que precisa melhorar, levando-os a entenderem que a cooperação e o respeito mútuo são a base para o bom relacionamento da turma. Tornou-se evidente que é preciso um exercício diário em sala de aula para que aconteça a cooperação e o respeito mútuo, aliados ao desenvolvimento do senso crítico e à responsabilidade sobre as ações. Dessa forma, é possível auxiliar os alunos na construção da autonomia, tornando-os cidadãos conscientes e críticos, capazes de exercer seus direitos e deveres, e buscando sempre melhorar sua realidade.

Palavras-chave: Autonomia. Educação. Senso Crítico.

LISTA DE FIGURAS

Tabela 1 - Certezas provisórias e dúvidas temporárias dos Grupos.....	22
Figura 1 - Fotos dos trabalhos apresentados pelos Grupos.....	24
Figura 2 - Material exposto na Feira de Idéias da Escola.....	24
Figura 3 - Quadro de Responsabilidades.....	29

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	8
1. INTRODUÇÃO	10
2. BUSCANDO FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Jean Piaget e a construção da autonomia	12
2.2 Paulo Freire e as práticas necessárias a uma pedagogia da autonomia	15
3. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	20
3.1 Um Projeto de Aprendizagem estilizado	21
3.2 Quadro de Responsabilidades e Assembléia de Alunos	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

A partir da prática de estágio, desenvolvida numa 4ª série do Ensino Fundamental de oito anos, numa escola da rede pública estadual situada em São Leopoldo (RS), e impulsionada pela necessidade de incentivarmos a formação de cidadãos críticos, conscientes e participantes, desenvolvi este trabalho com o objetivo de encontrar meios de incentivar a construção da autonomia numa escola conteudista.

Minha escola contempla os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de nove anos e, este ano, ainda oferece a 4ª série do Ensino Fundamental de oito anos, funcionando em dois turnos diurnos. A instituição atende 214 alunos distribuídos nos dois turnos, sendo 112 no turno da manhã e 102 no turno da tarde. Ela possui cinco salas de aula com capacidade para, aproximadamente, 25 alunos. Possui, também, sala de vídeo, biblioteca, sala das professoras, cozinha, refeitório e secretaria, onde estão localizadas a sala da direção, da supervisão e da secretaria. Não há laboratório de informática por falta de espaço, mas se dispõe de um computador em cada sala de aula com internet, que nem sempre funciona.

Esta escola possui Regimento próprio homologado e a proposta pedagógica é conteudista, com ênfase em planos de unidades, de acordo com o calendário cívico/social, que embasam o trabalho. A avaliação é globalizada com nota acompanhada por uma avaliação descritiva com os conteúdos desenvolvidos no trimestre, os objetivos atingidos e os pontos a melhorar na área cognitiva (90% da nota) e formativa (10% da nota) respectivamente.

Fiz meu estágio na minha própria turma de regência, a 4ª série do Ensino Fundamental da Escola M.. A turma possui 20 alunos, sendo 15 meninos e 5 meninas. Destes alunos, três estão com 9 anos de idade, dez estão com 10 anos, um está com 11 anos, um está com 12 anos, três com 13 anos, um com 14 anos e um com 15 anos, nenhum é repetente de 4ª série. Há os que a família declarou serem de origem africana, portuguesa (maioria), alemã e italiana, nenhum aluno foi declarado de origem

indígena, até fazermos os estudos sobre etnias. Um dos alunos possuía a Síndrome de West, um quadro de hipsarritmia que evoluiu para epilepsia focal benigna da infância, tendo recebido alta do tratamento, com cura do quadro, em abril de 2006. É muito inteligente e esperto, mas, às vezes, possui dificuldade de se expressar, foi eleito pelos colegas como o monitor da turma.

Alguns alunos da turma são de classe média, moram nos condomínios que ficam na frente da escola e arredores, outros possuem muita dificuldade socioeconômica, alguns moram em áreas invadidas. Destes alunos, treze têm pais que só cursaram o Ensino Fundamental, cinco têm pais que cursaram o Ensino Médio e três têm pais com o Ensino Superior. Apenas uma família declarou ter renda familiar inferior a um salário mínimo, três famílias com renda de um salário, nove famílias com renda de dois a cinco salários, uma com renda superior a cinco salários e seis famílias não quiseram tocar no assunto. Destes alunos, apenas seis possuem computador em casa.

Neste trabalho, contarei, também, com depoimentos da colega da série paralela que adotou algumas medidas para, juntas, promovermos situações a partir das quais os alunos desenvolvessem a autonomia, visto que é o último ano destas crianças na escola. Na 5ª série, ou 6º ano, deverão estudar nas escolas do centro da cidade ou em bairros vizinhos e consideramos que devemos prepará-los para uma realidade mais individualizada e autônoma. Contarei, também, com depoimentos da direção da escola sobre o trabalho desenvolvido.

Diante desta realidade, tornou-se relevante a pesquisa em questão, focalizando os seguintes aspectos: incentivo a tomadas de posição e trabalho com valores, hábitos e atitudes. Para melhor embasar tais aspectos, apresentar-se-á uma revisão teórica, tendo como foco principal os saberes necessários à prática educativa na construção da autonomia descritos por Paulo Freire e as reflexões de Jean Piaget sobre a autonomia do aluno. Assim sendo, e como parte das finalidades visadas neste estudo, procurarei fazer uma breve articulação dos aspectos aqui explorados, possíveis conclusões sobre o tema e proposições ou orientações para continuarmos desenvolvendo a autonomia dos nossos alunos de maneira mais objetiva e eficaz.

2. BUSCANDO FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Jean Piaget e a construção da autonomia

Piaget tinha o grande sonho de contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Segundo ele, a educação sempre foi a condição indispensável para o alcance da liberdade humana, através do desenvolvimento do senso crítico e da autonomia moral e intelectual. Para ele, valores morais são construídos a partir da interação do sujeito com diversos ambientes sociais, como a família, escola, amigos, sociedade, meios de comunicação etc. Ele dizia que “é livre [...] o indivíduo que sabe julgar, e cujo espírito crítico, sentido da experiência e necessidade de coerência lógica se colocam ao serviço de uma razão autônoma, comum a todos os indivíduos e que não depende de nenhuma autoridade externa”.¹

Piaget (Balestra, 2005; Branco, 2003; Kamil, 1990) diz que não é possível falar em estágios morais, visto que uma criança autônoma pode evidenciar aspectos heterônomos. Sendo assim, classifica o desenvolvimento moral, base da construção da autonomia, em três fases distintas:

- a) anomia – pré-moralidade que carece de todo sentido de obrigação para com regras sociais;
- b) heteronomia – egocentrismo intelectual primitivo, respeito unilateral – a criança só vê a si mesma e parte do particular para o particular;
- c) autonomia – sentimento de aceitação ou obrigação com normas fundamentado nas relações de trocas mútuas de reciprocidade, seguindo um código de ética interno que leva em consideração os outros. Quadro de maturidade social.

¹ Conferência apresentada no 28º Congresso Suíço dos Professores, em 08/07/1944, em Berna.

Nesta perspectiva, pensamentos e sentimentos desenvolvem-se de forma paralela, constituindo o desenvolvimento cognitivo como uma condicionante da forma de sentir e do juízo moral. Piaget (Balestra, 2005; Branco, 2003; Kamil, 1990) destaca três espécies de sentimentos infantis: o primeiro é a necessidade de amor; o segundo, o medo em relação aos maiores e mais fortes que a criança; e o terceiro é um sentimento misto, ora afeição, ora temor. Partindo destes conceitos, nas relações formadas de valores morais, deve haver respeito mútuo e reciprocidade, que permitem que fatores determinantes das ações possam ser explicitados, discutidos e avaliados do ponto de vista da criança e do adulto respectivamente. Dessa maneira, a heteronomia cederá espaço à autonomia. Ser autônomo, para o autor, significa ter a capacidade de estabelecer preferências e prioridades, de dar-se normas com base na construção de uma perspectiva própria.

Ao ser questionado sobre o que torna alguns adultos moralmente autônomos, Piaget ressalta que são os próprios adultos que reforçam nas crianças a heteronomia quando usam recompensas e castigos e estimulam o desenvolvimento da autonomia quando intercambiam pontos de vista com as crianças. Dessa forma, as consequências da punição expiatória, aplicada por desobediência às regras, de maneira arbitrária e autoritária pelos adultos, são:

- a) cálculo de riscos, quando a criança passa a traçar estratégias para não ser descoberta em seus delitos;
- b) conformidade cega, que leva a obedecer ao adulto, sem questionamentos e sem precisar tomar decisões;
- c) revolta, quando a criança pode envolver-se em comportamentos delinquentes.

Para Piaget (Balestra, 2005; Branco, 2003; Kamil 1990), na vida cotidiana é impossível evitar totalmente as punições para manter a ordem e o respeito mútuo, sendo que o desenvolvimento da autonomia moral começa a acontecer quando o adulto passa a reduzir seu poder, adotando a sanção por reciprocidade, onde a criança é levada a perceber que sua conduta compromete o contrato social que fundamenta a cooperação, tendo consciência do porquê está sendo castigada. O adulto trava um diálogo com a criança infratora para saber as razões de sua atitude, havendo uma troca de pontos de vista dupla. Sempre haverá um vínculo explicativo entre o erro e a punição, encorajando a criança a construir seus próprios valores morais. Assim, o valor moral de uma ação não está na mera obediência às regras determinadas socialmente, mas no princípio inerente a cada ação, ou seja, no porquê elas são obedecidas. A experiência da

igualdade, o respeito mútuo e a cooperação são condições necessárias para a construção da autonomia que é indissociavelmente moral e intelectual, pois a criança adquire conhecimento ao construí-lo a partir de seu interior, criando e coordenando relações. Autonomia moral não é liberdade completa, porque a criança pensa no bem comum, levando em consideração os pontos de vista dos outros.

O autor nos dá alguns exemplos de sanções por reciprocidade, que devem ser regidos pelo afeto e respeito mútuo, sob pena de virarem punição:

- 1º) exclusão temporária do grupo – quando perturba, a criança pode escolher entre ser retirada do grupo temporariamente ou fazer silêncio e permanecer. É a possibilidade de escolha, de tomar decisão;
- 2º) apelar para a consequência direta – mostrar o que sua ação pode causar, por exemplo, se mentir ninguém mais acreditará nela;
- 3º) privar a criança da coisa que ela usou mal, como, por exemplo, estragou o livro da biblioteca, ficará sem pegar novos livros;
- 4º) reparação – quando a criança é levada a arrumar o que estragou.

Nesse contexto, o papel da escola é ajudar a criança a controlar seus impulsos, tornando-a apta a refletir sobre as consequências dos seus atos. Deverá incentivar as relações de cooperação (co-operação, operar em comum), regidas pela reciprocidade, que pedem mútuos acordos, exigindo que os sujeitos se descentrem para poder compreender o ponto de vista alheio. O professor deverá ter respeito às diferenças individuais, permitindo-se pensar que existem diferentes maneiras de aprender e de expressar um mesmo conhecimento, pois deverá ser um articulador de situações desafiadoras para a aprendizagem. Ele será o responsável pela qualidade das relações estabelecidas em sala de aula. Pensando neste papel da educação, o autor afirma que “É óbvio que uma educação do pensamento, da razão e da própria lógica é necessária e que é a condição primeira da educação da liberdade. Não é suficiente preencher a memória de conhecimentos úteis para fazer homens livres: é preciso formar inteligências ativas”.²

² Conferência apresentada no 28º Congresso Suíço dos Professores, em 08/07/1944, em Berna.

2.2 Paulo Freire e as práticas necessárias para a construção de uma pedagogia da autonomia

Segundo Paulo Freire (2002), autonomia é a capacidade de tomar decisões conscientemente, assumindo responsabilidade pelas ações e uma atitude de questionamento constante através da pergunta e da problematização da realidade. Para ele, somente através da educação libertadora poderemos mudar as injustiças sociais, contribuindo para a construção de cidadãos mais críticos e autônomos. Ele encara a educação como uma força política e social a partir da qual o aprender funciona como um exercício da comunicação crítica, de aceitação e respeito à diferença, da superação das desigualdades, concomitante com a construção e produção sistemática do conhecimento. Ele nos diz que

se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação ao que meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo definitivamente assentado e à espera de superação (FREIRE, 2002, p. 78).

Para Freire (2002), é necessário que os educadores façam uma reflexão sobre suas práticas pedagógicas, a fim de redirecioná-las para uma coerência ética entre o pensar, o dizer e o agir. Assim, o autor tem convicção de que a mudança é possível, pois não há docência sem discência, ninguém ensina sem também aprender e, por isto, os educadores devem constantemente rever sua prática e não se acomodarem em conformismos. A respeito disso escreve que

um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso da educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalisticamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar (FREIRE, 2002, p. 74).

O autor faz algumas exigências para que nossa prática educativa seja rigorosamente ética, na busca da autonomia e da igualdade social, criando possibilidades para o educando experimentar sua própria produção e construção dos diversos saberes. Para Freire, ensinar não é transferir conhecimentos, exigindo:

- rigoriedade metódica – é tão fundamental o educador conhecer o conhecimento existente quanto estar aberto à construção de novos conhecimentos e, assim, ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo;

- pesquisa – faz parte da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. Pesquisamos para conhecer o que ainda não conhecemos e, assim, comunicar as descobertas, implicando nosso compromisso com a consciência crítica do educando;
- respeito aos saberes do educando – é necessário discutir a realidade concreta e a experiência social que o aluno já traz e discutir a relação destes saberes com o conteúdo ensinado;
- críticidade – é o desenvolvimento da curiosidade crítica, tendo a curiosidade como inquietação indagadora, insatisfeita e indócil;
- ética e estética – o ensino dos conteúdos deve estar associado à formação moral, onde a decência e a boniteza estão sempre de mãos dadas, pois o exercício educativo precisa sempre ter o caráter formador, devendo o educador ser radicalmente coerente;
- corporeificação da palavra pelo exemplo – é fazer na prática o que o discurso diz, pois pensar certo é fazer certo, buscando seriamente a segurança do argumento, porque embasado em suas atitudes;
- risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação – pensar certo é rejeitar qualquer forma de discriminação, qualquer prática preconceituosa de raça, classe ou gênero, assim como a discriminação tanto ao novo quanto ao velho conhecimento;
- reflexão crítica sobre a prática – é um movimento dinâmico entre o fazer e o pensar sobre o fazer, analisando criticamente nossa prática diária para que ela possa ser aprimorada, pois é preciso que ela possibilite que a curiosidade ingênua do educando se transforme em curiosidade crítica;
- reconhecimento e assunção da identidade cultural - é o caráter socializante da escola, pois, em suas relações com a professora e os colegas, o educando deve ensaiar a experiência profunda de se assumir como ser social e histórico, pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos, com capacidade de amar, mas de também sentir raiva contra as injustiças e discriminações;
- consciência do inacabado – os seres humanos têm consciência de que são seres inacabados e, como tal, estão sempre questionando, pesquisando, aprendendo. Neste contexto, têm a liberdade de escolha e, por isto mesmo, podem romper com a ética e a decência;

- reconhecimento de ser condicionado – como seres inconclusos que somos, estamos em permanente processo social de busca e a curiosidade se torna fundante da produção do conhecimento. Esta capacidade instrumental das pessoas jamais pode prescindir de sua formação ética;
- respeito à autonomia do educando – é na dialogicidade verdadeira que assumimos o respeito às diferenças, à opinião e à criatividade, à autonomia e à dignidade do aluno, sem tampouco fugirmos ao nosso dever de impor-lhe limites;
- bom senso – é saber medir as coisas, fazendo com que minha autoridade cumpra seu dever sem, no entanto, ser autoritário e intransigente. Tem importante papel nas nossas tomadas de decisões para sabermos o que fazer, onde não pode faltar a ética que mostra o que é indecente e imoral;
- humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos trabalhadores em educação - lutar pela valorização da classe e da própria educação é um dever ético de todo professor, assim como respeitar o educando, tolerando as diferenças e tendo a humildade de reconhecer que ensinando também aprendo;
- apreensão da realidade - aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem a abertura ao risco e à aventura do espírito. Como especificidade humana, a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, artística e moral, pois se serve de meios e técnicas que envolvem frustrações, medos e desejos;
- alegria e esperança – o autor nos diz que “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos podemos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria” (FREIRE, 2002, p. 80). Devemos ter esperança de uma construção da aprendizagem conjunta, sempre focando na alegria da nossa atividade educativa;
- convicção de que a mudança é possível – devemos estar cientes de que somos sujeitos da história e, como participantes da mesma, podemos mudá-la. É a partir do saber que mudar é difícil, mas possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica;
- curiosidade – sem a curiosidade que nos move, nos inquieta, que nos insere na busca, não aprendemos nem ensinamos. O professor deve ter a curiosidade de sempre buscar mais e deve incentivá-la com os alunos;

- segurança, competência profissional e generosidade – a segurança do professor na sua autoridade tem fundamento na sua competência profissional, que se embasa na formação docente e na busca incansável pelo conhecimento, embasado no respeito ao educando e na sua individualidade;
- comprometimento – como educadores, deve-se procurar a aproximação cada vez maior entre o que se diz e o que se faz, entre o que se parece ser e o que realmente se está sendo. Quanto mais solidariedade houver nas relações entre professor e educando, mais possibilidade de aprendizagem democrática haverá na escola;
- compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo - esta intervenção passa pelo conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, assim como implica numa reprodução ou desmascaramento da ideologia dominante. Nossa prática, por não ser neutra, exige cada vez mais de nós uma definição, uma tomada de posição. Devemos ser professores lutando contra qualquer forma de discriminação ou dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é nosso testemunho ético ao ensiná-los;
- liberdade e autoridade – a liberdade deve ser exercitada assumindo decisões, no risco de não acertar sempre. A autonomia é um processo de afirmação, de vir a ser, por isto uma pedagogia da autonomia deve estar centrada em experiências estimuladoras de decisão e responsabilidade, sem que, com isso, o educador se exima de impor limites saudáveis e necessários;
- tomada consciente de decisões – devemos criar em nossa prática docente a virtude da coerência, mantendo uma postura crítica, respeitando o educando e lutando pelo direito de sermos respeitados;
- escuta – é escutando paciente e criticamente que aprendemos a falar com o educando. Diz o autor que “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno em uma fala com ele” (FREIRE, 2002, p. 128);
- reconhecimento de que a educação é ideológica – devemos fazer um exercício crítico de nossa resistência contra a ideologia que massacra homens e mulheres comuns, para nos predispor a uma atitude aberta aos demais, sem nos fecharmos nas próprias verdades. Quanto mais nos damos à experiência de lidar com as diferenças, sem medo ou preconceito, tanto melhor nos conhecemos e construímos nosso perfil;

- disponibilidade para o diálogo – é só no respeito às diferenças e na coerência do que falamos com o que fazemos que nos encontramos, convivemos e respeitamos os outros. Não há como ensinar sem estar dentro do contexto geográfico e social dos educandos para poder ter um diálogo mais próximo de sua realidade;
- querer bem aos educandos - isto não significa que devemos gostar de todos os alunos da mesma forma, mas que precisamos estar abertos à afetividade, sem medo de expressá-la. Não devemos, contudo, avaliar um aluno a partir do bem querer que temos por ele. Mesmo praticando a afetividade e alegria, nossa prática não pode prescindir da formação científica séria e da clareza política necessárias ao exercício da nossa profissão.

Segundo Freire (2002), a prática educativa é tudo isto: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou da permanência da atual realidade, pois o trabalho docente não lida com coisas, mas com gente, inacabada, curiosa e inteligente. Por isto, a prática deve ser um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de todos os educandos, tornando-os seres mais críticos, capazes de fazer escolhas e tomar decisões, tornando-se cada vez mais “gente”.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Assim como Piaget e Freire, acredito que a mudança social só se dará pela educação, pelo esforço incansável de despertarmos as mentes e ensinarmos as crianças a pensarem, desenvolvendo a consciência crítica para que sejam capazes de questionar a realidade e encontrar alternativas para mudá-la. Para mim, autonomia é ter a capacidade de, refletindo com senso crítico e discernimento, tomar posição sobre a realidade e, a partir daí, saber fazer escolhas dentro do que se acredita, conseguir julgar e agir de acordo com seus valores e sua consciência e se responsabilizar por suas escolhas.

Acredito que a autonomia é muito importante na prática educativa, porque auxilia os professores a fazerem suas escolhas, direcionarem seu trabalho a partir do que acreditam, responsabilizando-se pela conduta pedagógica que assumirem. Já, em relação aos alunos, penso ser importante incentivar a autonomia na escola para formarmos cidadãos capazes de analisarem criticamente a realidade, tomarem posições conscientes e assumirem suas responsabilidades. Dessa maneira, penso que a escola está preparando o aluno para a vida, para poder decidir por si mesmo, fugindo do conformismo e acomodação. Penso ser esta a maior de todas as missões da escola, e nossa enquanto educadores.

Dentro dessa perspectiva, procuro direcionar meu trabalho de forma a criar condições para que as crianças pensem, reflitam, questionem, debatam e construam seu conhecimento baseadas na cooperação, na troca, na tomada de decisões, sempre assumindo responsabilidades. Como mediadora dos trabalhos, procuro incentivar o diálogo, o respeito às diferenças, exercendo minha autoridade de maneira a exercitar o uso da liberdade consciente, ainda em construção na maioria dos alunos da Turma 41. Com este trabalho, acredito estar incentivando a construção da autonomia dos alunos, despertando uma atitude de questionamento e uma tomada consciente de decisões para que possam exercer plenamente o direito à cidadania consciente e responsável. Também tenho o objetivo de prepará-los para enfrentar uma nova realidade na 5ª série/6º ano,

visto que sairão da nossa escola, pequena, acolhedora e com professora unidocente, e irão para as escolas do centro da cidade com alunos de todos os bairros e com uma professora para cada disciplina. Para tal, faz-se necessário que aprendam a tomar iniciativas e ter autonomia para decidir sozinhos.

Relatarei, neste capítulo, duas experiências feitas durante meu estágio que buscaram proporcionar liberdade de escolha, experiência da igualdade, exercício da cooperação, respeito às diferenças de idéias e a troca de descobertas e saberes.

3.1. Um Projeto de Aprendizagem Estilizado³

Projetos de Aprendizagem são modalidades de ensino que partem da formulação de questões pelos autores do projeto, pelos sujeitos que vão construir o conhecimento, no caso, os alunos, a partir de uma curiosidade, utilizando ferramentas tecnológicas sempre que possível. A proposta desta modalidade é aprender conteúdos por meio de procedimentos que desenvolvam a própria capacidade de continuar aprendendo, num processo construtivo e simultâneo de questionamento, encontrando certezas e as reconstruindo em novas certezas. É fundamental que a questão a ser pesquisada parta da curiosidade, das dúvidas, das indagações do aluno, não sendo imposta pelo professor.

Todo Projeto de Aprendizagem deve iniciar levantando certezas provisórias e dúvidas temporárias. Pesquisando, indagando, muitas dúvidas tornam-se certezas e as certezas transformam-se em dúvidas, ou ainda, geram outras certezas e dúvidas. É necessário respeitar a autonomia do aluno, orientando-o para buscar, localizar, selecionar e recolher informações, decidindo critérios de julgamento sobre a relevância das informações em relação a determinado contexto. Ele também deve organizar e comunicar as descobertas realizadas e o conhecimento construído.

O professor tem a função de articulação da prática e ativação da aprendizagem, desenvolvendo um clima de respeito e auto-respeito, estimulando a livre expressão, promovendo a definição compartilhada de parâmetros nas relações e de regras para atendê-los. Deve despertar a tomada de consciência pela iniciativa de avaliar individualmente seus próprios atos e seus resultados, buscando a pesquisa e a convivência de valores que despertem as qualidades inerentes a cada indivíduo.

³ A exposição relativamente a Projetos de Aprendizagem decorre da leitura do livro *Aprendizes do futuro: as inovações começaram! Projeto? O que é? Como se faz?* produzido por Léa da Cruz Fagundes, Luciane Sayuri Sato e Débora Laurino Maçada.

Durante minha prática de estágio, propus a meus alunos de 4ª série que fizéssemos um Projeto de Aprendizagem. Comecei o trabalho, explicando que um projeto é uma maneira de aprender a partir do esforço em pesquisar, em descobrir, a partir da escolha de um assunto do interesse deles, da formulação de certezas provisórias e dúvidas temporárias, isto é, as certezas poderiam se confirmar ou não e as dúvidas seriam o ponto de partida da pesquisa. Como estava se aproximando a semana do meio ambiente e sempre procuro estudar bastante a questão ambiental, por considerar uma responsabilidade social, lancei a proposta de que poderiam estudar, criar um projeto, sobre qualquer assunto que envolvesse a natureza. A partir deste ponto, os cinco grupos formados escolheram os seguintes assuntos: Ar, Árvores, Girassol, Onça Pintada e Tartaruga, que se tornaram os nomes dos Grupos. Levou algum tempo até eles entenderem que, pelo menos num primeiro momento, eu não forneceria qualquer tipo de material nem daria nada pronto. Também tive que explicar muito a alguns grupos como formular as certezas e as dúvidas e para que elas serviam. O primeiro grupo a entender e a formular suas certezas provisórias e dúvidas temporárias foi o Grupo Onça Pintada, depois o Grupo Girassol. Os outros grupos apresentaram mais dificuldade na realização desta primeira etapa do projeto. Ao fim deste momento inicial, os grupos chegaram às seguintes certezas e dúvidas:

Tabela 1 - Certezas provisórias e dúvidas temporárias dos grupos

Grupo	Certezas provisórias	Dúvidas temporárias
Ar	A camada de ar que envolve a Terra se chama atmosfera, o ar é formado por oxigênio e gás carbônico, a atmosfera que faz esta sensação que o céu é azul.	O que é o efeito estufa? Do que é formado este efeito? Para que serve o efeito estufa?
Árvores	Jequitibá rosa é natural da Mata Atlântica e é uma das árvores mais altas da flora brasileira. A pau-brasil era produto de grande valor na Europa, dele se tira uma tintura para tingir tecidos. As caatingas são caracterizadas por arbustos espinhentos, suas árvores perdem as folhas no mês de agosto. As savanas são encontradas principalmente na América do Sul, na África e na Austrália.	Jequitibá rosa é a maior de todas as árvores? O pau-brasil existe em São Leopoldo? Sua tintura serve para pintar móveis de madeira? Se não molharmos as caatingas, elas morrerão? Elas precisam de sol? As savanas são encontradas em outros lugares além dos citados nas certezas?
Girassol	Sua flor é amarela, os pássaros gostam de comer suas sementes. Das sementes dá para fazer um óleo. Com o pó do girassol dá para fazer tinta amarela. Se este pó entrar no nosso olho podemos ficar cegos.	O girassol é plantado em qualquer lugar do Brasil? Tem pó amarelo no meio? Quanto tempo dura um girassol? Em que época deve ser plantado? Quantos tipos de girassol têm no Brasil inteiro?
Onça Pintada	É um mamífero carnívoro encontrado no continente americano, desde o sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina. É um símbolo da fauna brasileira. Seu habitat preferencial são as florestas, mas também vive em planícies pantanosas e savanas. É o maior mamífero carnívoro do Brasil.	Quantos quilos a onça pintada pesa e que velocidade alcança para obter sua presa? Em quantos meses ela pode ter filhotinhos e quantos pode ter de cada vez? Se não for caçada pelo ser humano, quanto tempo pode viver?

Tartaruga	As tartarugas podem viver na água doce ou salgada, botam ovos, são da classe dos répteis. Comem caramujos, andam devagar e algumas espécies têm o pescoço como o de cobra. Seu casco é meio quadrado, elas mordem e são capazes de arrancar um dedo humano. Na água, nadam muito rápido.	Quantos ovos as tartarugas podem por, onde eles são postos, na água ou na areia? Quantos anos elas vivem, elas ficam velhas? O que mais gostam de comer, gostam das carnes que nós comemos, comem peixes do fundo do mar? Quanto tempo demora para elas caminharem? Gostam de ficar na areia?
------------------	--	---

Depois da primeira semana, destinamos tempo para discutirem e debaterem a pesquisa e pensarem na elaboração de material. Combinamos 1º de junho como sendo a data-limite de finalização do trabalho. Durante o período de desenvolvimento da pesquisa, foi solicitado aos grupos que produzissem materiais (cartaz, maquete com dados ou apresentação no computador) para fins de registro e socialização das descobertas. Indiquei alguns sites bem como pesquisa na biblioteca municipal e na da escola. Coloquei o computador da sala de aula à disposição dos grupos, mas ele estragou e, depois de arrumado, não estava conectando com a internet.

Passadas duas semanas, percebi que só os Grupos Onça Pintada e Girassol haviam avançado na pesquisa e descoberto várias coisas interessantes, resolvendo as dúvidas e indo além. Os outros grupos mais discutiam e se desentendiam do que trabalhavam. Então decidi dar uma ajuda mais efetiva e por grupos. Marquei um dia para o Grupo Tartaruga ir na biblioteca da escola pesquisar, mas eles não apareceram, então indiquei o site do *Projeto Tamar*. Marquei outro horário para o Grupo Ar ir na biblioteca, dois componentes vieram e pesquisaram. Sugeri ao Grupo Árvores que também viessem, mas os integrantes não aceitaram minha sugestão. Um componente do Grupo Tartarugas compareceu na biblioteca da escola para pesquisar, depois de muito incentivo e conversa. No dia 1º de junho, os grupos deveriam apresentar o resultado final de suas pesquisas.

Analisando a realidade da turma, percebi que poucos alunos têm acesso ao computador e à internet, o que dificulta bastante esta modalidade de trabalho quando se pretende a inclusão do uso de TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação). Além disso, percebi que dar um longo prazo para a pesquisa (um mês) também pode ser prejudicial, pois alguns alunos foram perdendo um pouco do interesse e outros, logo na primeira semana, pesquisaram alguma coisa e achavam que a parte deles já estava feita.

No dia 1º de junho, ocorreu a apresentação dos Projetos de Aprendizagem estilizados. Apesar das dificuldades experimentadas ao longo do desenvolvimento deste

trabalho pelos grupos, a apresentação foi um sucesso, com muitas informações novas que eu não sabia. Todos os grupos conseguiram responder às suas dúvidas e produzir um bom material, com figuras, informações e até uma pequena maquete de um jardim de girassóis feita com massinha de modelar. O material mais modesto foi o do Grupo Ar. Apesar das várias sugestões de experiências que poderiam fazer provando a existência do ar, os componentes do Grupo Ar não manifestaram muito interesse. Guardamos todo o material para ser apresentado na *Feira de Idéias da Escola*, para toda a comunidade.



Figura 1 – Fotos dos trabalhos apresentados pelos grupos



Figura 2 – Material exposto na *Feira de Idéias da Escola*

Analisando o trabalho que propus a meus alunos, posso dizer que ele não se enquadra nas especificações das arquiteturas pedagógicas⁴, visto que não foram utilizadas ferramentas tecnológicas como o computador e a internet. Dos meus vinte alunos, apenas cinco pesquisaram na internet (três em casa e dois na casa de amigos e parentes). Apesar de cada sala de aula da minha escola ter um computador com conexão na internet, o da minha sala de aula estava estragado e, depois de arrumado, não estava conectando com a rede, o que dificultou o uso pelos alunos e até por mim mesma.

No entanto, acredito que este trabalho, desenvolvido e adaptado à minha realidade, pode ser considerado uma arquitetura pedagógica no momento em que partiu da curiosidade dos alunos, despertando a reflexão sobre certezas provisórias e dúvidas temporárias. Estas questões os desafiaram a pesquisar, a procurar informações a partir das quais aprimorassem os conhecimentos iniciais. A realidade virtual ainda está bem longe da minha realidade pela precariedade de recursos, mas não impede de instigarmos o desenvolvimento do espírito investigativo, da curiosidade em saber mais, da vontade de construir novos saberes

A partir do trabalho proposto, a maioria dos alunos construiu aprendizagens significativas. Eles consideraram “legal” poder escolher o assunto, considerando sua curiosidade. A proposta também provocou o desenvolvimento de autonomia na medida em que os estudantes foram desafiados a buscar o conhecimento, assumindo a responsabilidade pela sua própria aprendizagem. Contudo, também percebi que alguns encararam como uma tarefa a mais, que precisava ser cumprida logo para estarem livres. Alguns grupos precisaram da minha ajuda para incentivar a pesquisa. Fiquei muito ansiosa no começo do trabalho, cobrando e incentivando a pesquisa, perguntando, indicando caminhos. Quando me dei conta de que não poderia exigir um avanço tecnológico de quem não possuía nenhum recurso de mídia, comecei a entender que a maioria deles estava fazendo o que podia e ofereci várias alternativas na biblioteca da escola, na biblioteca municipal. Ajudei o Grupo Tartarugas, pesquisando no site do

⁴ Segundo Carvalho, Nevado e Menezes (2005), arquiteturas pedagógicas são “estruturas de aprendizagem realizadas a partir da confluência de diferentes componentes: abordagem pedagógica, software, internet, inteligência artificial, educação a distância, concepção de tempo e espaço. O caráter destas arquiteturas pedagógicas é pensar a aprendizagem como um trabalho artesanal, construído na vivência de experiências e na demanda de ação, interação e meta-reflexão do sujeito sobre os fatos, os objetos e o meio ambiente sócio-ecológico [...]. Seus pressupostos curriculares compreendem pedagogias abertas capazes de acolher didáticas flexíveis, maleáveis, adaptáveis a diferentes enfoques temáticos” (p. 04).

Projeto Tamar, por ser o único grupo que não tinha ninguém com acesso a internet e para que todos ficassem no mesmo patamar quanto ao acesso a recursos informáticos.

Aprendi que nem sempre as coisas funcionam como planejamos ou idealizamos, pois a realidade é bastante difícil, mas é preciso provocar a dúvida e desenvolver o espírito investigativo, o senso crítico e a vontade de saber mais para que as crianças tenham vontade de ir além, de buscar o saber, de desenvolver a autonomia e a capacidade de fazer opções. Segundo opiniões dos alunos da 4ª série sobre a realização do Projeto de Aprendizagens estilizado:

M.A., 10 anos: “A minha opinião sobre os Projetos de Aprendizagem é que nós podíamos escolher o assunto que ia nos agradar, que facilitou o desenvolvimento do trabalho.”

D., 12 anos: “Eu gostei do projeto de Aprendizagem porque a gente escolhe o assunto e o meu foi AR. Eu aprendi muitas coisas novas e tem mais, sem ar a gente não vive.”

T., 10 anos: “Minha opinião é que a gente aprendeu mais com o Projeto de Aprendizagem, a gente pesquisou e apresentou e eu achei muito legal.”

L., 10 anos: “Achei o Projeto de Aprendizagem interessante, desenvolveu nossa sabedoria através da pesquisa sobre o assunto e era mais uma responsabilidade para cumprir.”

M., 15 anos: “A minha opinião é que o Projeto de Aprendizagem ajudou a descobrir mais sobre a natureza e também me ajudou a melhorar meu comportamento por causa da responsabilidade de fazer.”

3.2. Quadro de Responsabilidades e Assembléia de Alunos

No primeiro semestre de 2007, li sobre a Escola da Ponte, da cidade de Vila Nova de Famalicão, em Portugal, o que me instigou a dar novos rumos para minha prática docente. Esta escola é uma escola diferente. A disposição espacial é ampla, sem muros, conferindo à escola um caráter de “oficina de trabalho”, uma “escola laboratorial” que permite o desenvolvimento de uma pedagogia voltada para uma práxis social de integração dos educandos entre si e com os professores, aliando o saber com o saber fazer. Os alunos são dispostos em três grupos distintos.

Os Grupos de Iniciação são destinados a crianças novas que dispõem de um espaço próprio onde aprendem a ler, escrever e ser gente. Estes Grupos se distinguem

por terem maior intervenção dos professores. Os Grupos de Transição são para alunos que vêm transferidos de outras escolas e visam a possibilitar que estas crianças se adaptem ao ritmo da escola, com atenção especial para recuperarem sua auto-estima e se integrem à comunidade escolar. Há também o Grupo de Consolidação, que é o grupo dos alunos que já atingiram a capacidade de prever uma gestão equilibrada dos tempos e dos espaços de aprendizagem, adquirindo autonomia para gerir a sua própria construção de conhecimento.

O papel do professor é o de “fomentador” de curiosidades, de orientador na resolução dos problemas, estimulando e confiando no potencial das crianças, as auxiliando na construção de seu conhecimento. O professor-tutor é aquele que se especializa em duas áreas do currículo específicas, de maneira que o conjunto dos professores está preparado para trabalhar todo o programa. O professor-tutor assume a coordenação de um determinado projeto. Além de apoiar todo e qualquer aluno, é a pessoa preparada para dar uma resposta cientificamente mais rigorosa em determinada área de especialização.

O planejamento curricular subordina-se, a princípio, ao Quadro de Objetivos afixado na parede de uma das salas, com objetivos programados transcritos em linguagem acessível a todos. O plano de estudos é o mesmo para todos os alunos, mas há adaptações no currículo de cada um, de acordo com suas necessidades e capacidades. No início de cada dia, o aluno define seu Plano de Ação, ou seja, o que deseja aprender naquele dia, mas subordinado ao Plano da Quinzena, que é o resultado da negociação entre professores e alunos. No final de cada dia e quinzena, procede-se a avaliação dos planos em andamento, para ver seu grau de concretização e para o planejamento do próximo plano. Os alunos se agrupam de acordo com interesses comuns em um assunto, reúnem-se com uma professora que estabelece um programa de trabalho de 15 dias, dando orientações sobre o quê e onde pesquisar, usando muito os recursos da internet. Ao final desses 15 dias, o grupo se reúne para avaliar suas descobertas. Se a aprendizagem foi adequada, o grupo se dissolve para formar outro.

A avaliação é feita quando o aluno sente-se preparado para tal. A auto-avaliação acontece quando alguém sente a necessidade de manifestar ou aplicar conhecimentos adquiridos. No final de cada quinzena, cada criança deve fazer uma espécie de relatório dizendo o que fez e o que não fez, o que aprendeu e o que não aprendeu. A promoção escolar é feita por meio de uma avaliação contínua e do ensino individualizado.

Procura-se proporcionar uma programação flexível, adequada ao progresso dos alunos ao longo do ciclo de estudos, proporcionando correspondência entre progressão e progresso. Em outras palavras, o aluno é promovido na medida em que progride na construção do conhecimento.

A organização de meios e a gestão do bem-estar são responsabilidade coletiva, de acordo com categorias e tarefas destinadas a cada grupo, que recebem o nome de responsabilidades, afixadas num quadro exposto. De quinze em quinze dias, todos os grupos apresentam, na Assembléia da Escola, o relatório de tudo que fizeram, de acordo com a responsabilidade atribuída ao seu grupo. Esta organização em responsabilidades tem por objetivo zelar pelo bem-estar de todos.

A Assembléia da Escola é uma reunião com caráter mais formal e abrangente que obedece a uma convocatória a qual estabelece os assuntos a tratar. O tratamento e as conclusões são registrados em ata. Serve para preparar projetos, resolver conflitos, estudar os relatórios das responsabilidades, entre outras coisas. Os direitos e deveres dos alunos são propostos, debatidos e aprovados pela Assembléia da Escola, no início de cada ano letivo, e afixados em quadro exposto, para que todos o vejam, como forma de obter o equilíbrio afetivo dos alunos e dos relacionamentos interpessoais.

Segundo Rubem Alves (2000), que visitou esta escola durante uma semana, mais do que aprender saberes, estes alunos aprendem valores, principalmente a ética, pois aprendem a partir da vida, da cooperação e da partilha, por isto a lição não é esquecida nunca. O mais importante é o espaço compartilhado, a lição social de que todos compartilhamos de um mesmo mundo. Não há competição; há cooperação, todos são ouvidos e as regras são cumpridas, porque foram feitas por eles. Aprendem que a vida social depende de que cada um abra mão de sua vontade quando se choca com a vontade coletiva, aprendendo, assim, regras de convivência democrática sem que constem de um programa. “A vida é o único programa que merece ser cumprido” (Alves, 2000).

A partir destes estudos, pensei em adaptar algumas vivências da Escola da Ponte para minha realidade. Eu já tinha o hábito de criar com os alunos as regras de convivência da turma, fixá-las num cartaz e digitá-las para colarem nos seus cadernos. Então resolvi adaptar o Quadro de Responsabilidades, destacando que a organização e gestão do bem-estar são responsabilidades de todos. A dinâmica envolve necessidade de os alunos se organizarem em grupos de responsáveis e, uma vez por mês, apresentarem um relatório na Assembléia de Alunos.

As responsabilidades contidas neste quadro foram adaptadas por mim conforme as necessidades da turma e são: Contato com a Secretaria, Material de Educação Física, Armário de Livros e Jogos, Distribuição de Material, Limpeza do Quadro e Organização da Sala, Refeitório, Organização da Fila, Organização dos Murais e Livros da Biblioteca. Durante um mês, cada aluno deve desempenhar a função que escolheu e realizá-la da melhor forma possível. Inclusive há uma cobrança dos próprios alunos para que cada um faça a sua parte com seriedade. A seguir apresento uma foto do Quadro de Responsabilidades⁵ desse ano:

RESPONSABILIDADES	RESPONSÁVEIS
CONTATO COM A SECRETARIA	[Redacted]
MATERIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA	[Redacted]
ARMÁRIO DE LIVROS E JOGOS	[Redacted]
DISTRIBUIÇÃO DE MATERIAL	[Redacted]
LIMPEZA DO QUADRO E ORGANIZAÇÃO DA SALA	[Redacted]
REFEITÓRIO	[Redacted]
ORGANIZAÇÃO DA FILA	[Redacted]
ORGANIZAÇÃO DOS MURAIS	[Redacted]
LIVROS DA BIBLIOTECA	[Redacted]

Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos

Figura 3 – Quadro de Responsabilidades

A Assembléia de Alunos tem a função de possibilitar que a turma avalie o desempenho dos colegas e eleja o grupo que assumirá as responsabilidades a cada trinta dias. Todo mês fazemos uma assembléia, presidida pelo monitor e vice-monitor que expressam suas impressões sobre a turma, o que está bom e o que precisa mudar. A seguir, eles chamam os alunos que, naquele mês, atuaram em cada uma das responsabilidades para que falem sobre o que deu certo e o que não deu, se cumpriram sua tarefa e o que precisa melhorar. Depois que eles se manifestam, o monitor pergunta quem quer assumir aquela responsabilidade e o vice-monitor anota o nome dos novos responsáveis, colocando-os no quadro. Estes nomes permanecem por aproximadamente

⁵ Os nomes dos alunos e da escola foram apagados para preservar a identidade dos mesmos.

um mês, com o compromisso de atuarem corretamente, com ordem e respeito. Sobre este trabalho, assim se pronunciavam os alunos:

F., 9 anos: “O Quadro de Responsabilidades é legal porque a gente está praticando para ser alguma coisa na vida, mas não gosto da Assembléia de Alunos porque eu não sei explicar o que fiz.”

A., 14 anos: “O Quadro de Responsabilidades é para nós ajudarmos a professora a cuidar da turma. A Assembléia de Alunos é boa porque cada um escolhe o que quer ajudar.”

W., 10 anos: “O Quadro de Responsabilidades é legal porque a gente ajuda a professora a diminuir suas tarefas.”

L., 10 anos: “O Quadro de Responsabilidade é para nós sermos mais responsáveis com aquilo escolhido. A Assembléia de Alunos é o momento em que tu podes dizer a tua experiência sobre aquela responsabilidade que tinhas.”

M., 10 anos: “Eu acho o Quadro de Responsabilidades legal porque nós podemos escolher nossas responsabilidades. A Assembléia de Alunos é muito interessante porque nós podemos dizer o que está bom e o que está ruim.

Este ano, pela primeira vez desde que adotei o Quadro de Responsabilidades e a Assembléia de Alunos, a professora da 4ª série da tarde resolveu adotar estas duas medidas com sua turma também. Abaixo transcrevo a opinião dela sobre este tipo de trabalho:

S.P.: “Com a instituição do quadro de responsabilidades percebi um desenvolvimento significativo da autonomia dos alunos, pois cada um consegue se determinar em suas tarefas e organizar-se com os colegas de tarefa para melhor desenvolvê-la. A Assembléia de Alunos possibilita um desenvolvimento na expressão das idéias e opiniões e permite o debate e a argumentação. Isto é muito positivo, pois quem sabe se expressar e argumentar o que pensa tende a ter mais facilidade na escrita e interpretação.”

E a Vice-diretora da escola e supervisora do turno da manhã, A. R., manifestou a opinião da direção sobre o trabalho realizado na minha turma de 4ª série:

“A professora L. implementou um trabalho com sua turma de 4ª série chamado ‘Quadro de Responsabilidades’ onde todos os alunos da turma se propõem a realizar tarefas que compõem este quadro, havendo assembleias mensais para troca das ‘responsabilidades’ (quem faz o quê). Este trabalho desenvolveu e ainda desenvolve muito a questão da autonomia dos alunos, pois além de se sentirem respeitados ao trabalharem de maneira mais democrática sentem-se co-responsáveis pelo que acontece com a turma criando um sentimento de grupo entre todos. Este novo enfoque na maneira de construir a autonomia dos alunos cresceu tanto que estamos pensando em implementá-lo em todas as turmas da escola, incluindo-o como parte das políticas adotadas pela escola. Penso que uma escola é realmente participativa quando não só a gestão, mas todos os envolvidos no processo de educação sentem-se valorizados em suas opiniões e responsáveis por elas. Parabéns L., pelo teu crescimento e por fazer com que todas nós crescêssemos junto contigo ao longo da tua jornada de universitária. Continue com a gente, pois ainda temos muito a aprender contigo. “

Para desenvolver esta proposta de trabalho, também busquei suporte em Paulo Freire segundo o qual: “De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre” (Freire, 2002, p. 69). Procurei fazer com que meus alunos experimentassem, em sala de aula, o sentido da democracia, fazendo suas próprias escolhas, desenvolvendo o senso crítico e a cidadania na prática diária do respeito à opinião e à construção do outro. Em função disso e considerando os comentários feitos, percebo que a autonomia responsável da turma foi incentivada por meio destas ações pedagógicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de refletir sobre o desenvolvimento da autonomia na escola pública, a partir de referencial teórico embasado em Jean Piaget e Paulo Freire. A partir da realidade de uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental de 8 anos de uma escola pública da rede estadual, buscou-se comparar pensar a prática pedagógica a partir dessas bases teóricas.

Sob a perspectiva da teoria piagetiana, os valores morais são construídos a partir da interação do sujeito com os diversos ambientes e grupos sociais, pois o desenvolvimento da autonomia está fundamentado nas relações de trocas mútuas e de reciprocidade. Para ele, é impossível evitar totalmente as punições para manter a ordem e o respeito mútuo, mas quando adotada a sanção por reciprocidade, que leva a criança a perceber que sua conduta compromete o equilíbrio do grupo social, a autonomia começa a acontecer. A partir daí, a experiência de igualdade, o respeito mútuo e a cooperação são condições necessárias para a construção da autonomia.

Já na perspectiva da teoria freireana (2002), a autonomia é a capacidade de tomar decisões conscientemente, assumindo as responsabilidades de suas ações, assim como uma atitude constante de questionamento da realidade. Para ele, através de uma educação libertadora, que desenvolve a autonomia, o senso crítico e a responsabilidade social, é que poderemos mudar a realidade. Para isto, acredita ser necessário que os educadores reflitam sobre suas práticas pedagógicas, redirecionando-as para uma coerência ética entre o pensar, o dizer e o agir, criando possibilidades para o educando experimentar sua própria produção e construção dos diversos saberes.

Baseada nestas teorias, analisei duas práticas desenvolvidas na Turma 41 pela possibilidade de elas promoverem o desenvolvimento da autonomia dos alunos: construção de Projetos de Aprendizagem pela turma e o trabalho com Quadro de Responsabilidades e Assembléia de Alunos. Os Projetos de Aprendizagem desenvolveram certo gosto pela pesquisa em alguns alunos, o questionamento, a dúvida

e a busca de soluções e respostas, levando-os à cooperação, ao respeito às opiniões diversas e à construção de novos saberes, que partiram dos conhecimentos que eles já tinham. O Quadro de Responsabilidades e a Assembléia de Alunos é um trabalho contínuo, que procura desenvolver o sentimento de aceitação de normas e responsabilidades, fazendo com que os alunos assumam conscientemente uma responsabilidade e a pratiquem para o bom relacionamento da turma e andamento dos trabalhos. Através da Assembléia de Alunos, busca-se que o aluno produza uma reflexão consciente dos seus atos, do que foi bom e do que precisa melhorar, levando-o a entender que a cooperação e o respeito mútuo são a base para o bom relacionamento da turma.

A partir destes relatos e reflexões, torna-se evidente que é preciso um exercício diário em sala de aula para que aconteça a cooperação e o respeito mútuo, aliados ao desenvolvimento do senso crítico e à responsabilidade sobre suas ações. Assim poderemos auxiliar nossos alunos na construção de sua autonomia, tornando-os cidadãos conscientes e críticos, capazes de exercer seus direitos e deveres, e buscando sempre melhorar sua realidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Crônicas. *Jornal Correio Popular*, maio e junho de 2000, Campinas, São Paulo.

BALESTRA, Maria Marta Mazaro. Piaget: uma importante contribuição para a educação. *Revista Eletrônica de Ciências da Educação*, Vol. 4, Nº 1 (2005). Capturado (online) em 16/08/2010. Disponível na Internet <http://revistas.facecla.com.br/index.php/reped/article/view/322/0>

BRANCO, Maria Luísa. A Construção da Autonomia Moral: a Contribuição da Teoria do Desenvolvimento do Ego de Jane Loevinger. *Paidéia*, 2003, 13(25), 5-12. Capturado (online) em 16/08/2010. Disponível na Internet <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v13n25/02.pdf>

CARVALHO, Marie Jane Soares; NEVADO, Rosane Aragón; MENEZES, Crediné. Arquiteturas Pedagógicas para Educação a Distância: Concepções e Suporte Telemático. *Anais do Workshop em Informática na Educação (SBIE)*, XVI Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – SBIE, UFJF, 2005. Capturado (online) em 21/08/2010. Disponível na Internet <http://br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/420/0>

FAGUNDES, Léa da Cruz. SATO, Luciane Sayuri. MAÇADA, Débora Laurino. *Aprendizes do Futuro: as Inovações Começaram: Projeto? O que é? Como se Faz?*. Ministério da Educação, Secretaria da Educação a Distância, Programa Nacional de Informática na Educação. Coleção Informática para a mudança na Educação, 96 p. Capturado (online) em 30/08/2010. Disponível na Internet <http://www.dominiopublico.gov.br/>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KAMIL, Constance. *A criança e o número: implicações da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos*. 11ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990. Capturado (online) em 16/08/2010. Disponível na Internet <http://books.google.com.br/books/>